

69

a.obra.nasce

revista.de.arquitetura.e.urbanismo.da.universidade.fernando.pessoa

ficha técnica

Título

A OBRA NASCE
revista de Arquitetura e Urbanismo
da Universidade Fernando Pessoa
nº9, novembro de 2015

Edição

edições Universidade Fernando Pessoa
Praça 9 de Abril, 349 | 4249-004 Porto
Tlf. +351 225 071 300 | Fax. +351 225 508 269
edicoes@ufp.pt | www.ufp.pt

Direção

Álvaro Monteiro (Diretor da Faculdade de Ciência
e Tecnologia da Universidade Fernando Pessoa)

Conselho de Redação

Luis Pinto de Faria (Professor Associado na Universidade Fernando Pessoa)
Rui Leandro Maia (Professor Associado na Universidade Fernando Pessoa)

Coordenação Científica

Sara Sucena (Professora Auxiliar na Universidade Fernando Pessoa)

Conselho Científico

Antonella Violano (Facoltà di Architettura "Luigi Vanvitelli"
della Seconda Università degli Studi di Napoli)
Avelino Oliveira (Professor Auxiliar na Universidade Fernando Pessoa)
Clovis Ultramarí (Professor na Pontifícia Universidade Católica do Paraná)
Conceição Melo (Mestre em Projecto e Planeamento do Ambiente Urbano FRUP/FEUP)
João Castro Ferreira (Professor Auxiliar na Universidade Fernando Pessoa)
Luis Pinto de Faria (Professor Associado na Universidade Fernando Pessoa)
Paulo Castro Seixas (Professor Associado no IS CSP – Universidade de Lisboa)
Rui Leandro Maia (Professor Associado na Universidade Fernando Pessoa)
Sandra Treija (Vice-Dean of the Faculty of Architecture
and Urban Planning of Riga Technical University)
Sara Sucena (Professora Auxiliar na Universidade Fernando Pessoa)
Teresa Cáliz (Professora Auxiliar na Faculdade
de Arquitectura da Universidade do Porto)

Composição

Oficina Gráfica da Universidade Fernando Pessoa

ISSN

2183-427X

Reservados todos os direitos. Toda a reprodução ou transmissão, por qualquer forma, seja esta mecânica, electrónica, fotocópia, gravação ou qualquer outra, sem a prévia autorização escrita do autor e editor é ilícita e passível de procedimento judicial contra o infractor.

Figuras 2 e 3 – 26.11.2014 Conversa sobre a Exposição “Escola do Porto: Lado B – 1968–1978 (Uma História Oral)” no Centro Internacional das Artes José de Guimarães, em Guimarães, com Jacinto Rodrigues e Eduardo Jorge Fernandes



Fonte: Arquiteta Sónia Moura

A minha intervenção, nesta narrativa de oralidade, pretende complementar, com dados objetivos e informações documentais que não foram referidas, o período relativo à década de 1968–1978, a que se refere a exposição, evitando assim interpretações subjetivas desses acontecimentos.

Figura 4 – Pormenor duma vitrina da Exposição Escola do Porto: Lado B – 1968–1978 (Uma História Oral)



Fonte: Arquiteta Sónia Moura

Nessa década e no que me diz respeito, tenho de explicitar, porém, duas etapas: 1968–1974 e 1975–1978.

Na primeira etapa não tenho incidência direta na ESBAP pois estava exilado em França. Porém, indiretamente foram anos fundamentais para a minha formação e experiência docente que levei para Portugal no pós-25 de Abril. Descreverei sucintamente este período de exílio, 1968–1974, por me parecer esclarecedor em relação às implicações que veio a ter na segunda etapa (1975–1978), nessa altura já em Portugal como docente na ESBAP.

Permitam-me, portanto, esta pequena introdução que aqui quero testemunhar como singular experiência de 1968 a 1974.

Vivi e estudei em Portugal, como estudante universitário, no princípio dos anos 60. Frequentei entre 1960–1961 a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e em seguida a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Tive assim uma experiência de ensino universitário durante a ditadura e, como estudante, contestei a universidade e a sociedade portuguesas. Vivi a asfixia que caracterizava o ensino e a cultura em Portugal, a censura que nos impunham através de livros únicos e a proibição de outros livros, revistas e cinema.

Vivi o modo como os quadros universitários e dirigentes, das instituições em geral, eram selecionados pelo poder. Excluía-se e/ou promoviam-se consoante as opiniões, a irreverência ou a submissão à ditadura.

De forma geral, as vozes discordantes por parte de trabalhadores, estudantes, professores e intelectuais eram amordaçadas, salvo raríssimas exceções que resistiam a essa seleção.

Também eu experimentei, pessoalmente, através da prisão, as injustiças deste estado repressivo e policial que era Portugal nesse tempo.

Pertenci pois a esta juventude que, durante a noite do fascismo que se abateu sobre Portugal, sofreu as agruras e arbitrariedades do regime.

Assim, vítima deste contexto político e cultural fui preso pela polícia de choque, na cantina da cidade universitária de Lisboa, em 1962, quando participava na greve de fome por me ter oposto à proibição pelo Ministério, 3 dias antes, da comemoração do Dia do Estudante de 24 de Março de 1962.

Pouco depois, já em liberdade, continuei a apoiar a contestação generalizada dos estudantes em greve durante a crise estudantil de 62 – Luto Académico – e voltei a ser preso quando participei na ocupação da Associação de Estudantes de Coimbra, que fora encerrada pela PIDE.

Tendo sido chamado para a tropa acabei de novo na prisão, desta vez no Quartel Militar da Trafaria, quando já era oficial, acusado de me opor à guerra colonial. Depois de libertado, desertei em 1964 indo para Paris.

Em Paris fiz Sociologia Geral na Sorbonne e Urbanismo em Vincennes, Paris VIII. Entre a estrutura académica da Sorbonne e a conclusão do Mestrado em Urbanismo, numa Universidade pós-Maio de 68, experimentei, como aluno, a luta contestatária do movimento de Maio de 68 em Paris, que veio a mudar mentalidades e instituições em França. E, como exilado político, participei na militância contra a ditadura portuguesa e o colonialismo, tendo sido membro da FAP (Frente de Ação Popular) e LUAR (Liga de Unidade e Ação Revolucionária) durante o exílio e MES (Movimento de Esquerda Socialista) após o 25 de Abril.

Também participei ativamente na melhoria das condições de vida dos emigrantes. Fui membro da Liga Portuguesa do Ensino Laico dirigida pela conhecida escritora antifascista Maria Lamas.

Juntamente com estudantes franceses e trabalhadores portugueses, participei na construção duma “Casa do Povo” no “bidonville” de Villeneuve la Garenne. Essa ação exemplar ligou alunos da Faculdade de Arquitetura e de outras Faculdades aos trabalhadores, moradores desse “bidonville”, na construção de uma casa que se tornou um centro cultural popular e de apoio a crianças e jovens.

O jornal Comércio do Funchal publicou a reportagem que escrevi, quando ainda era estudante de Urbanismo na Uni-

versidade de Vincennes, Paris VIII, sobre a construção desse centro cultural em 1969 e da sua destruição pela “Mairie” tempos depois, em 1970.

Figura 5 – Jornal “Comércio do Funchal” 1970

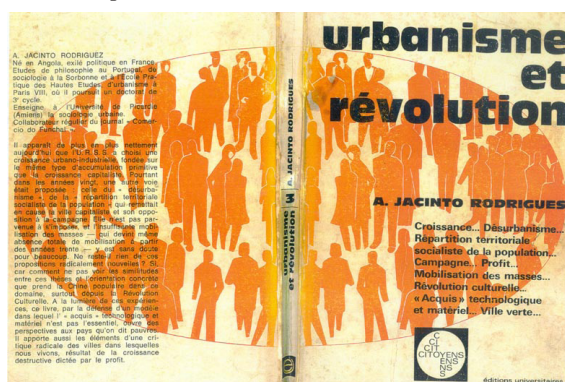


Fonte: Espólio pessoal do autor

Estas ações inseriam-se numa estratégia estudantil, logo após o Maio de 68, de processos reivindicativos que tinham como mentores Danilo Dolci, que fui visitar na Sicília para participar num congresso. Também o movimento “Advocacy Planning” nos Estados Unidos e o movimento dirigido por Habraken, na Holanda, marcaram-me profundamente. Aderi assim à apropriação de ecotecnologias para a autoconstrução¹.

Com a publicação² da minha dissertação de mestrado, baseada na experiência da Vanguarda Soviética e em especial no movimento “desurbanista”, contestatário da organização territorial estalinista, fui aceite como professor na Escola Superior de Arquitetura de Rennes. E assim pude experimentar a docência, em França, no pós-Maio de 68.

Figura 6 – Capa e Contracapa do livro “Urbanisme et Révolution” de Jacinto Rodrigues, Paris, Ed. Universitaires, 1973



Fonte: Espólio pessoal do autor

É com estas diferentes experiências como aluno universitário em Portugal, no tempo da ditadura, como aluno universitário em França, antes de Maio de 68 e como docente universitário pós-Maio de 68 durante 3 anos letivos, que chego a Portugal.

Tinha vivido uma experiência de metamorfoses institucionais, de diferentes regimes políticos e de países com níveis culturais diversos. Durante a minha formação em França, em Ciências Sociais e Urbanismo, vivi um ambiente cultural que me proporcionou contactos com professores como Françoise Choay, Anatole Kopp, Merlin, Alain Touraine, Edgar Morin, Massa, Raymond Aron, Georges Friedman, Yves Lacoste, Laborit, Tonka, Henri Lefévre e outros intelectuais como Foucault, Danilo Dolci, Boris Yoffan, etc.

Conhecera a rigidez repressiva da universidade portuguesa, conhecera a clássica universidade francesa na Sorbonne antes de 68 e as universidades pós-Maio de 68 com processos de autogestão como em Vincennes e na Escola Prática de Altos Estudos em Paris (École Pratique des Hautes Études) onde estive inscrito para um doutoramento do 3º ciclo chegando a fazer o 2º ano que interrompi com a minha vinda para Portugal.

Só mais tarde, nos anos 80, fiz o doutoramento em Portugal “Aprender com a Bauhaus – A Bauhaus e o ensino Artístico nos anos 20 – Teoria e Prática”³ tese defendida na Universidade Nova de Lisboa, com Distinção e Louvor e sob a orientação do Professor Catedrático José Augusto França.

Refiro toda esta hermenêutica que forjou a minha formação para permitir um melhor enquadramento no período referente à exposição do curador Pedro Bandeira. Assim, retomo agora o período de 1975 a 1978 da exposição de Pedro Bandeira e que me diz respeito como docente da ESBAP.

A exposição de Pedro Bandeira “Escola do Porto: Lado B/ Uma História Oral, 1968 – 1978” constitui uma primeira abordagem que revela um outro olhar, não oficial, sobre este período da ESBAP.

Trata-se duma escola de arte e arquitetura com uma longa história que, no presente momento, o curador Pedro Bandeira delimitou apenas a um ciclo, de 1968 a 1978.

Esta delimitação temporal, da Escola Superior de Belas Artes do Porto, vetusta instituição académica portuense, integra uma década muito importante cuja viragem histórica ocorre sobre dois fatores decisivos:

1. A revolta estudantil de Maio de 68 surgida em Paris com repercussões mundiais, em especial na educação (vejam-se os efeitos que teve na revolta estudantil de 69 em Portugal);
2. Os anos da revolução de 1974 em Portugal cujo impacto estrutural na sociedade, na cultura e no ensino teve uma importância fundamental.

Sobre os efeitos da revolução há que considerar o período até 11 de Março de 1975 e depois até ao 25 de Novembro de 75 com a consequente mudança que se operou a partir do 25 de Abril de 1976, data em que se realizaram as primeiras eleições gerais para a Assembleia da República.

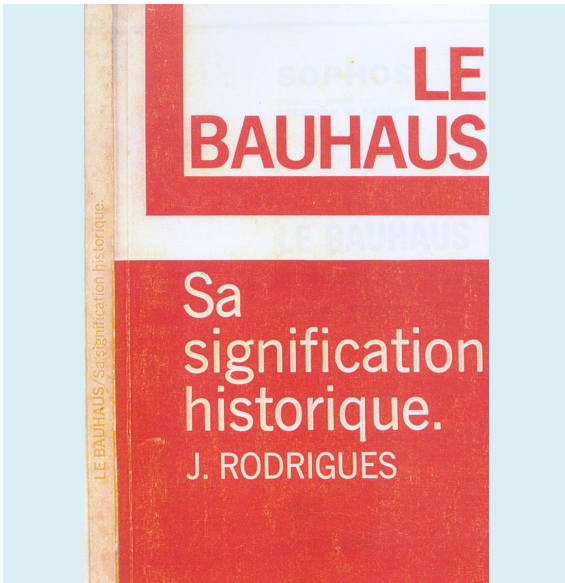
A amnistia para os desertores só foi feita após alguns meses da revolução e por isso, como fui desertor do exército colonial, o início da minha participação na ESBAP começa só em 1975.

Tinha já vivido, como referi, a vida de estudante do Portugal antidemocrático, a vida de simples estudante na França democrática do “Gaulismo”, o papel de aluno durante o mítico Maio de 68, como estudante participante da contestação e também o estatuto de professor numa França de grandes reformas educativas e institucionais que constituíram a vaga de experiências pedagógicas e sociais, resultantes do Maio de 68.

As viagens que fiz às diversas utopias em França e Inglaterra, à Bauhaus, bairros sociais e arquitetura orgânica na Alemanha, à Arte Nova e cooperativas de habitação em Viena de Áustria, ao construtivismo na então URSS, ao futurismo e às construções de iniciativa popular na Itália, proporcionaram-me uma formação complementar e um vasto espólio iconográfico (diapositivos) que serviu para ilustrar as minhas aulas em França e Portugal.

Acrescento a isso o facto de ter escrito e publicado dois livros em França, um sobre a vanguarda soviética e outro sobre o movimento artístico e cultural da escola da Bauhaus⁴.

Figura 7 – Capa do livro “Le Bauhaus – Sa signification historique” de Jacinto Rodrigues, Ed. Hatier, Paris, 1975



Fonte: Espólio pessoal do autor

Essas ferramentas intelectuais, mais os cursos que tinha dado em Amiens, na Universidade de Picardie e em Rennes, na Escola Superior de Arquitectura, serão a base fundamental dos seminários que realizei na ESBAP entre 1975 e 1978, período a que me cingirei no âmbito desta exposição.

Os jovens estudantes da ESBAP estavam a libertar-se da repressão e do medo que a ditadura gerara.

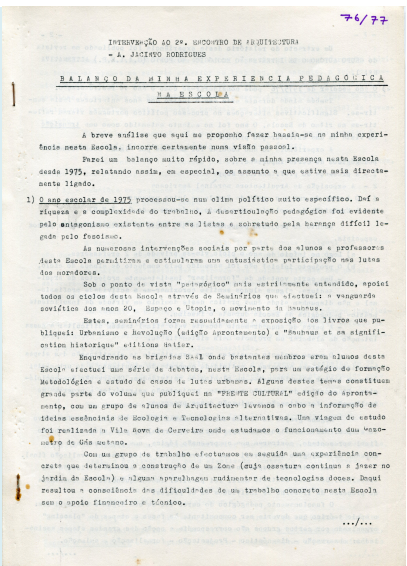
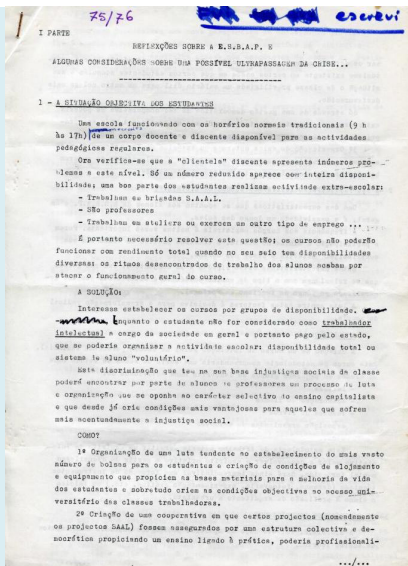
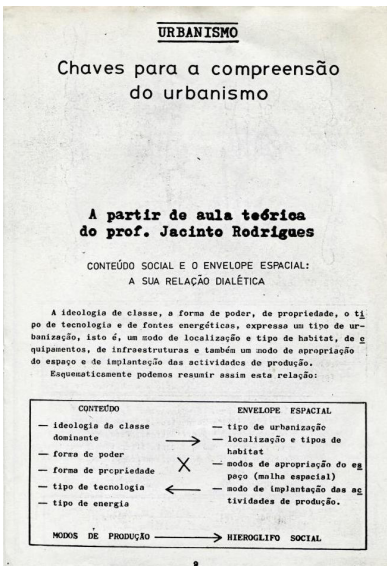
Abril trouxera a liberdade e assim, chegado do exílio, pude ver nos olhos daqueles jovens os sonhos e as esperanças que eu próprio vivera com o Maio de 68.

Era uma festa que agora era preciso alimentar para que a iniciativa não se desvanecesse em delírio fugaz. Era necessário tornar essa poesia em vida quotidiana.

Esta festa continuada era tornar real as utopias várias, para que a diversidade se tornasse numa fraternidade comunitária, como eu vivera com os ensinamentos de Françoise Choay (*Utopie et Réalité*) e nos cursos de Hubert Tonka (Revista “Utopie”) em Vincennes.

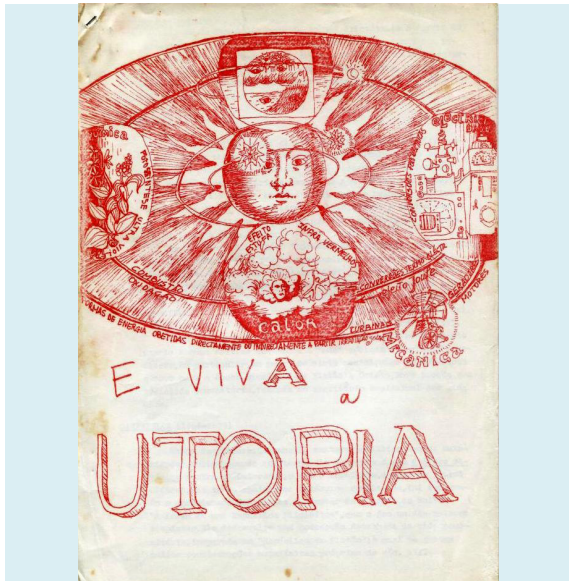
Foi assim que demos voz à utopia, esperança dum outro mundo possível que nascia da participação de todos.

Figura 8 – Revista E.S.B.A.P. 1976; Figura 9 – Balanço Jacinto sobre E.S.B.A.P. 1975-1976; Figura 10 – Balanço Jacinto sobre E.S.B.A.P. 1976-1977



Fonte: Espólio pessoal do autor

Figura 11 – Revista *E Viva a Utopia* – ESBAP 1975-76



Fonte: Espólio pessoal do autor

Todas as manhãs, no plenário do grande anfiteatro da ESBAP, os estudantes vinham assistir às lições sobre as utopias e o espaço.

Apresentei, com a ajuda de diapositivos, os projetos de Ledoux, o Falanstério de Fourier, o Familistério de Godin, a aldeia industrial de Owen, a distopia de Meunier e a utopia de William Morris.

Continuei esse trabalho revelando projetos e realizações de Bruno Taut, de Ebenezer Howard, do modernismo reformista da cidade industrial de Tony Garnier e dos edifícios sociais de Berlim e Viena, dos anos 20, que eu próprio visitara durante a minha formação.

Dei especial ênfase à polaridade existente entre as propostas urbanísticas de William Morris, "Notícias de Nenhum Sítio" (*News from Nowhere*) e a distopia de Bellamy, "Cem Anos Depois".

Naturalmente que o meu ponto de vista recaía na escolha da "eutopia" libertária de William Morris, que se religava à minha investigação sobre o desurbanismo soviético, a descentralização das cidades lineares e a cidade-território de Dolci, bem assim como às referências de Frank Lloyd Wright

com a "Broadacre city" e os trabalhos libertários de Lewis Mumford sobre a ecocidade contra a cidade carbonífera e industrial. Vejam-se também as propostas libertárias do movimento "Cobra" na Holanda e de Tonka, Foucault e Le-févre em França.

Figuras 12 e 13 – Seminário de Arquitetura – ESBAP–Jacinto Rodrigues



Fonte: Espólio pessoal do autor

Creio mesmo que foi esta geopolítica libertária e descentralizada, apoiada no internacional situacionismo, que levou às magníficas imagens dos trabalhos práticos apresentados por Barroso, Ramos e Pinto Coelho denominados, na exposição de Pedro Bandeira, *Insurreição do Território*, propondo lugares paisagísticos em ecossistemas sustentáveis, para uma nova ESBAP que descia da Avenida Rodrigues de Freitas até ao rio, passando pela Praça da Alegria e pelo bairro de S. Vítor.

Tal como, em contraponto à “metropolis” gigante e tentacular, surgiram as utopias desurbanistas da Vanguarda Soviética dos anos 20, em particular os projetos de Guinsburg, Milioutine, Leonidov, Ohitovitch, Bartch e Pasternack, também os alunos quiseram tratar a megapólis do Porto, desajustada do novo projeto social de Abril.

Surgem assim, nos desenhos, colinas e praias de areia nos vetustos e inadequados edifícios históricos.

Era o surgir dum novo conceito de urbanismo que harmonizava a nova distribuição demográfica socialista ao novo território descentralizado.

Na leitura de Pedro Bandeira, para o estudo que fez da minha participação na ESBAP, não se refere uma característica da divulgação pedagógica que utilizei.

Com efeito, assumi sempre uma atividade de escrita localizada para a Escola e ao mesmo tempo uma outra de âmbito mais vasto. Assim, os diversos meios de comunicação utilizados tinham várias funções:

1. Divulgação nacional de carácter social e político [exposições, conferências, intervenções na televisão, publicações em revistas e livros, etc.]. Os livros *Urbanisme et Revolution*, Ed. Universitaires, 1973, *Le Bauhaus Sa Signification historique*, Ed. Hatier, 1975, *Urbanismo e Revolução*, Afrontamento, 1975, *Urbanismo Uma Prática Social e Política*, Ed. Limiar, 1976, *Frente Cultural*, Ed. Afrontamento, 1976 e os artigos que escrevi no *Boletim da Árvore*, Porto, 1975 e 1976, *n'Á Gazeta*, 1976, *n'as Revistas Século Ilustrado*, Lisboa, 1976 e 1977, *Raiz e Utopia*, Lisboa, 1978 e *Arte e Opinião*, Lisboa, 1978, e que

foram publicados dentro do período correspondente a esta exposição, não foram analisados por Pedro Bandeira. No entanto o seu conteúdo constitui uma parte essencial das aulas que dei durante esses três anos letivos na ESBAP.

2. Divulgação local, essencialmente para a ESBAP e comunidade, através de publicações roneotipadas, normalmente realizadas pelos próprios alunos como por exemplo a *Revista Alternativa*, a *Sebenta da ESBAP*, documentos pedagógicos internos, etc. Muitos destes textos foram extraídos, para divulgação interna, das publicações acima referidas, tendo para além disso a contribuição dos alunos, tarefa que fazia parte dos seus currícula, assim como a atividade de produção de aparelhos ecotecnológicos, domes, zomes e projetos vários, como é assinalado por Pedro Bandeira.

Com efeito, os alunos deveriam percorrer a totalidade das propostas das aulas práticas ligando teoria e prática, relacionando-se com a escrita documental e construindo protótipos ou projetos.

Procurarei explicitar esta fundamentação para complementar as informações que não aparecem no catálogo de Pedro Bandeira, contribuindo assim para o pedido que me fez ao convidar-me para esta exposição.

A história baseada simplesmente na oralidade pode revelar apenas um dos lados interpretativos. Já os há na versão oficial que se conhece sobre a história da ESBAP em que o ostracismo sobre a ecologia está mais do que patente. O lado “A” teve sobejamente, até hoje, uma hegemonia no processo narrativo da ESBAP. Se queremos alterar o rumo daqueles que avaliaram as nossas propostas como passadismo e romantismo sonhador, temos que revelar os factos para que as interpretações míticas desses factos possam ser eliminadas.

O que pretendíamos com esta metodologia pedagógica?

Pretendíamos lutar pela mudança da sociedade e por um novo paradigma da arte, da arquitetura e do urbanismo. Sabíamos que “talvez eles não saibam que o sonho comanda a vida”.

Publiquei dois livros⁵, com textos sobre os vários temas tratados nos seminários da ESBAP durante os anos de 75 a 78. Embora referentes a esse período, só foram publicados mais tarde (1979 e 1980). Os desenhos que ilustraram essas publicações tiveram a participação de artistas e designer's como Isabel Sá, Graça Martins, José Rodrigues e Paulo Maria Bastos Silva Dias.

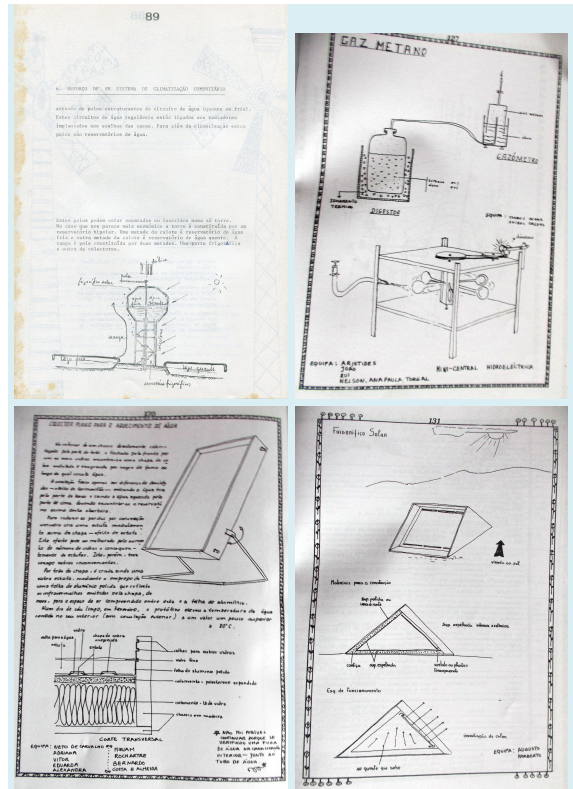
Figuras 14 e 15 – Capa das Revistas Utopia e Ecologia – desenhos de Isabel Sá e Graça Martins



Fonte: Espólio pessoal do autor

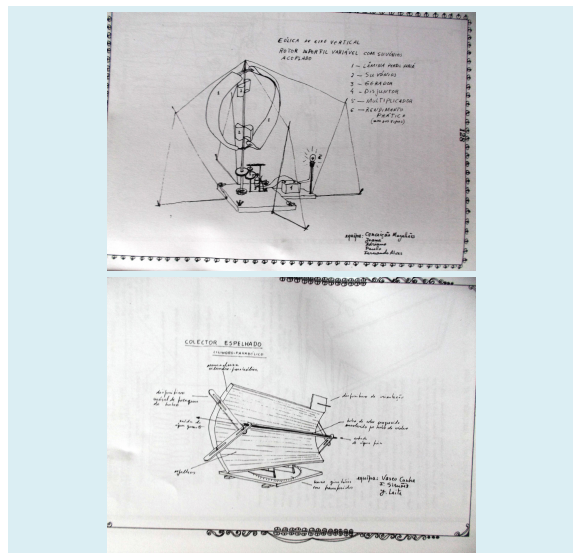
Estes livros são o essencial da base teórica e da prática efetivada na ESBAP.

Figuras 16 a 19 – Exemplos de vários projetos ecotecnológicos publicados na ESBAP



Fonte: Revista Utopia Espaço & Sociedade – notas do seminário na ESBAP de Jacinto Rodrigues, págs. 127-131

Figuras 20 e 21 – Protótipos ecotecnológicos realizados pelos alunos em 1976



Fonte: Revista Utopia Espaço & Sociedade – notas do seminário na ESBAP de Jacinto Rodrigues, págs. 127-131

Aí se mostram os protótipos ecotecnológicos, cujos projetos e concretizações foram realizados pelos alunos desde 1975 a 1978.

Foram publicados também, nas Revistas Alternativa e Arte e Opinião, artigos que tiveram a colaboração minha e de vários alunos, sobre temas relacionados com as aulas dadas

na ESBAP ao mesmo tempo que revelavam preocupações que eram objeto de investigação autónoma.

José Calvett de Magalhães era o representante da Arte e Opinião. Os artigos que aí publicamos tinham também as magníficas ilustrações de Paulo Maria B. Silva Dias.

Figura 22 – Alternativa, 1976; **Figura 23** – Alternativa, 1978; **Figura 24** – Arte e Opinião, 1978.

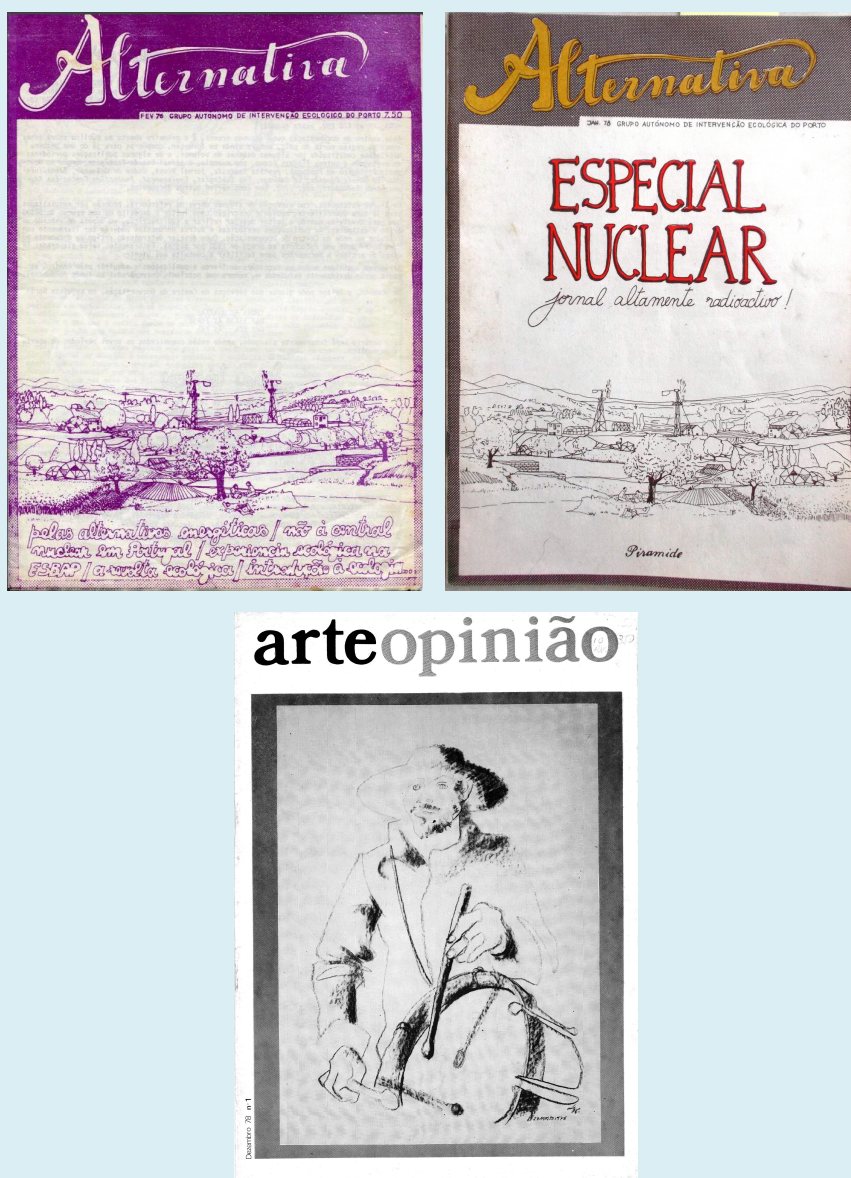


Figura 25 e 26 – Capa e contracapa do Boletim-Sebenta nº 1, 1977; Figura 27 – Capa do Boletim-Sebenta nº 2, 1977; Figura 28 e 29 – Capa e contracapa do Boletim-Sebenta nº 3, 1978



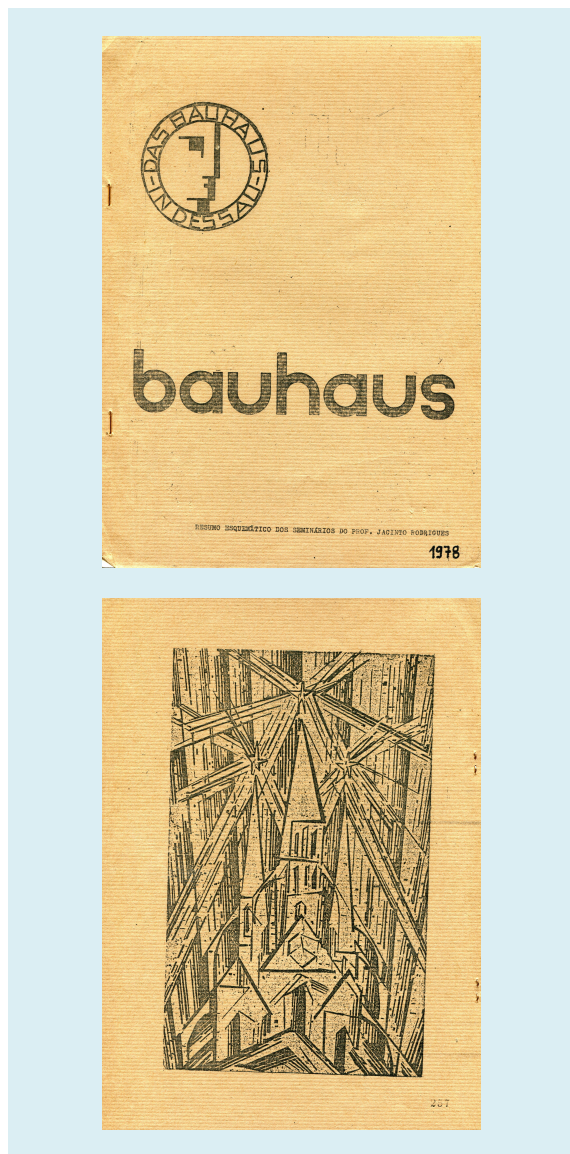
Fonte: Espólio pessoal do autor

Outros temas fizeram parte dos seminários.

A Bauhaus, vista no seu todo, com as suas fases de organicismo, tecnofuncionalismo e formalismo, mostrando as várias faces da modernidade, constituiu também outro ciclo das minhas conferências e seminários nesses três anos referidos.

Sobre este tema, vários alunos (Maria João, Fátima, Edmundo de Sousa, Mário Marques e Rui Figueiredo) organizaram uma antologia dos seminários que dei na ESBAP. Assim surgiu a publicação roneotipada intitulada "Bauhaus – resumo esquemático dos seminários do Prof. Jacinto Rodrigues".

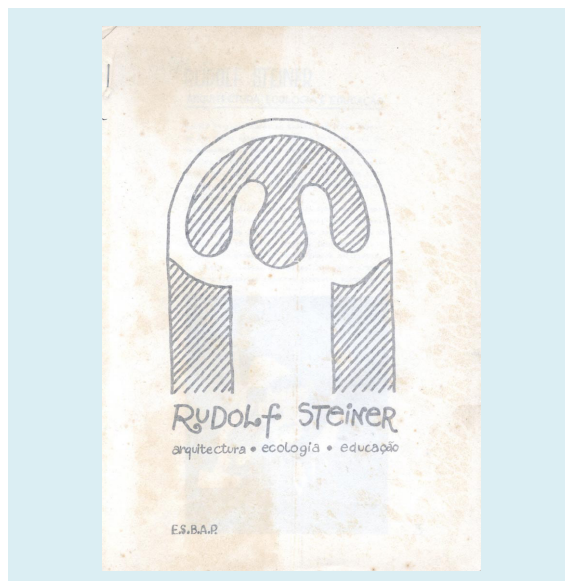
Figuras 30 e 31 – Capa e contracapa de “Bauhaus – resumo esquemático dos seminários do Prof. Jacinto Rodrigues”, 1978



Fonte: Espólio pessoal do autor

Incluirei ainda referências a várias aulas teóricas e teórico-práticas sobre projetos ecológicos da arquitetura expressionista de Rudolf Steiner. Por essa altura veio a Portugal uma representante do centro de Chatou, Hélène Oppert, que fez uma palestra na ESBAP sobre a arte do movimento e a arquitetura em Rudolf Steiner. Alguns alunos e eu próprio participamos também em workshops de eurtmia que Hélène Oppert realizou no colégio alemão com a nossa colaboração.

Figura 32 – Capa da brochura “Rudolf Steiner – arquitectura, ecologia, educação”, 1980



Fonte: Espólio pessoal do autor

Escrevi então um texto sobre a arquitetura de Rudolf Steiner que se integrava no conceito de arquitetura organicista nos anos 20 e que teve incidência no movimento da Bauhaus. Vários alunos interessaram-se por este assunto. Recordo Carlos Fonseca, Helena Ricca, Tó Almeida, Xico Smile, Espinheira, Jorge Moreira, etc. que participaram em vários workshops de pintura e eurtmia. Lembro ainda Júlio de Matos que, após uma viagem, creio eu que de mota, a Dornach, Suíça, expôs numa aula um trabalho de arquitetura organicista baseado no Goetheanum. Este trabalho de Júlio de Matos provocou alguma celeuma no júri de avaliação, dada a novidade em relação ao “cubo”, *alma-mater* do estilo arquitetónico dominante.

Todo este embrião, iniciado entre 1975 e 1977 na ESBAP, estava em consonância com o movimento antroposófico em Portugal que veio a colaborar, juntamente com o Goethe Institut, na vinda do designer e urbanista Dieter Magnus e que, anos mais tarde, veio a consolidar outras experiências do mesmo género, ou seja, uma exposição sobre arquitetura orgânica sob o impulso de Steiner na Casa das Artes – Secretaria de Estado da Cultura do Porto – e uma exposição sobre Jardins, no Mercado Ferreira Borges, com o apoio da Árvore e das quais fui comissário.

Todo este movimento da arquitetura organicista e paisagista ficou registado em dois livros que publiquei anos depois.⁶

Quero explicitar ainda que estes livros, embora publicados mais tarde, tratam de temas que faziam parte do conteúdo das aulas, desde 1975.

Outras experiências constituíram ainda matéria dos nossos seminários nessa época, como os marginais americanos, o centro alternativo ecológico Kleine Harde, as construções em forma de dome e zome de Buckminster Fuller, a Steve Bayer e experiências tão diversas como os trabalhos de Frei Otto, Paolo Soleri, Louis Kahn, as mega-estruturas do futurismo italiano, do plano Voisin de Le Corbusier e do japonês Kenzo Tange.

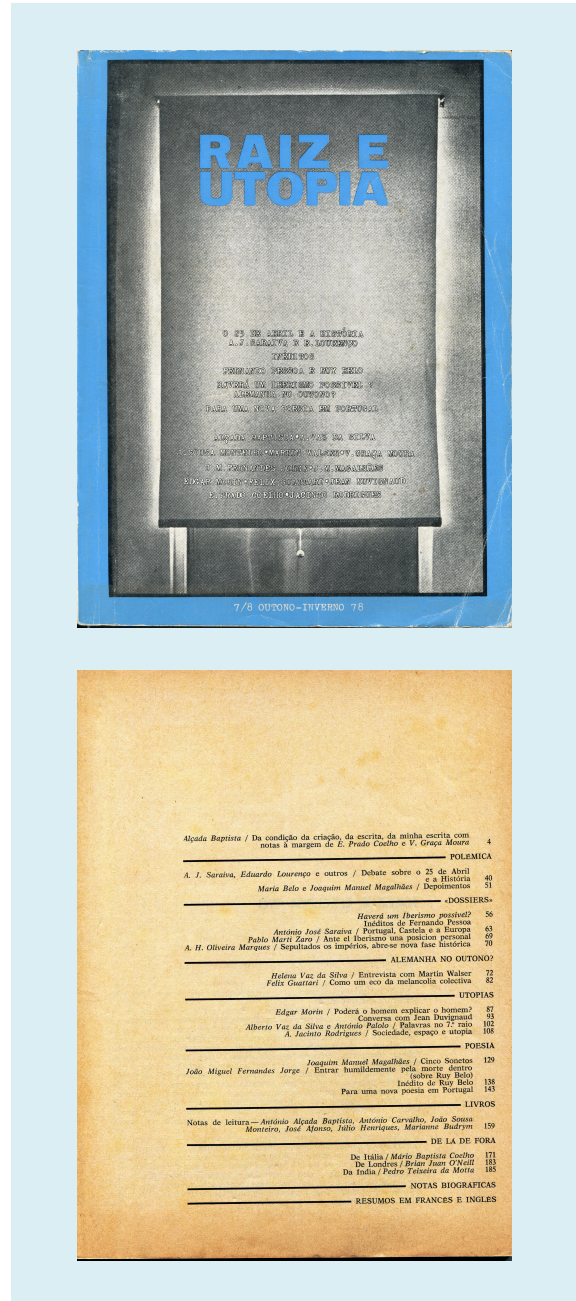
Já na publicação da Revista Raíz e Utopia, de 1978, como referiremos a seguir, escrevemos um artigo de 20 páginas em que explicitamos todos estes autores com ilustrações das suas obras que mostram a pluralidade de tendências no seio da história da arquitetura.

No catálogo da exposição, da autoria de Pedro Bandeira, não está claramente registada a abertura de horizontes patente no processo de ensino-aprendizagem da ESBAP, nesse período, e que se pode encontrar nas publicações realizadas pelos alunos e nos livros que publiquei até 1978, data limite da década considerada nesta exposição.

Toda essa bibliografia mostra bem o alargamento da visão que quisemos dar nos cursos da ESBAP.

Veja-se, por exemplo, o artigo que escrevi na Revista Raíz e Utopia⁷. Escrever nesta Revista definia um perfil político e cultural que não se podia reduzir à imagem primária do ecologista apenas defensor de passarinhos e com visões passadistas da realidade social, política e cultural a que muitos dos nossos antagonistas gostariam de nos confinar.

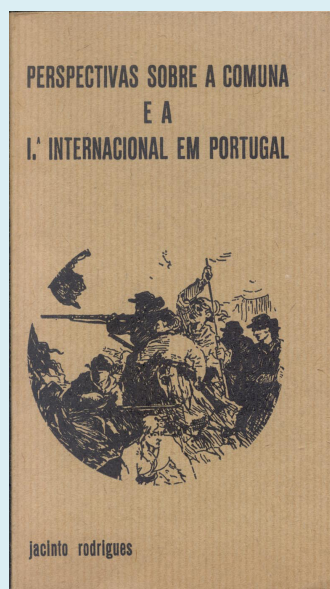
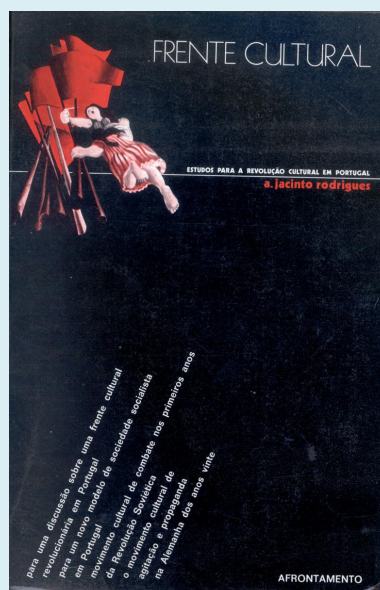
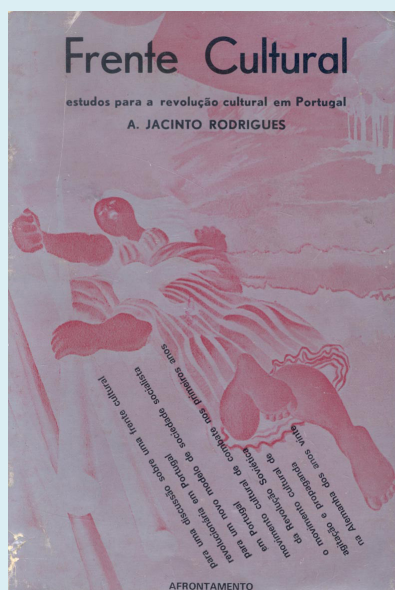
Figuras 33 e 34 – Capa e índice da Revista “Raíz e Utopia”, 1978



Fonte: Espólio pessoal do autor

Esta revista, bem como as publicações do Século Ilustrado e os livros que editei (*Frente Cultural*⁸, *Urbanismo Uma Prática Social e Política*⁹, *Urbanismo e Revolução*¹⁰, *Perspectivas sobre a Comuna e a 1ª Internacional em Portugal*¹¹) expressam uma voz crítica e uma alternativa nacional para uma civilização ecológica mais justa, solidária e participativa.

Figuras 35 a 38 – Capa dos livros “Frente Cultural” 1ª e 2ª Edição, 1976, “Urbanismo e Revolução”, 1975 e “Perspectivas sobre a Comuna e a 1ª Internacional em Portugal”, 1976

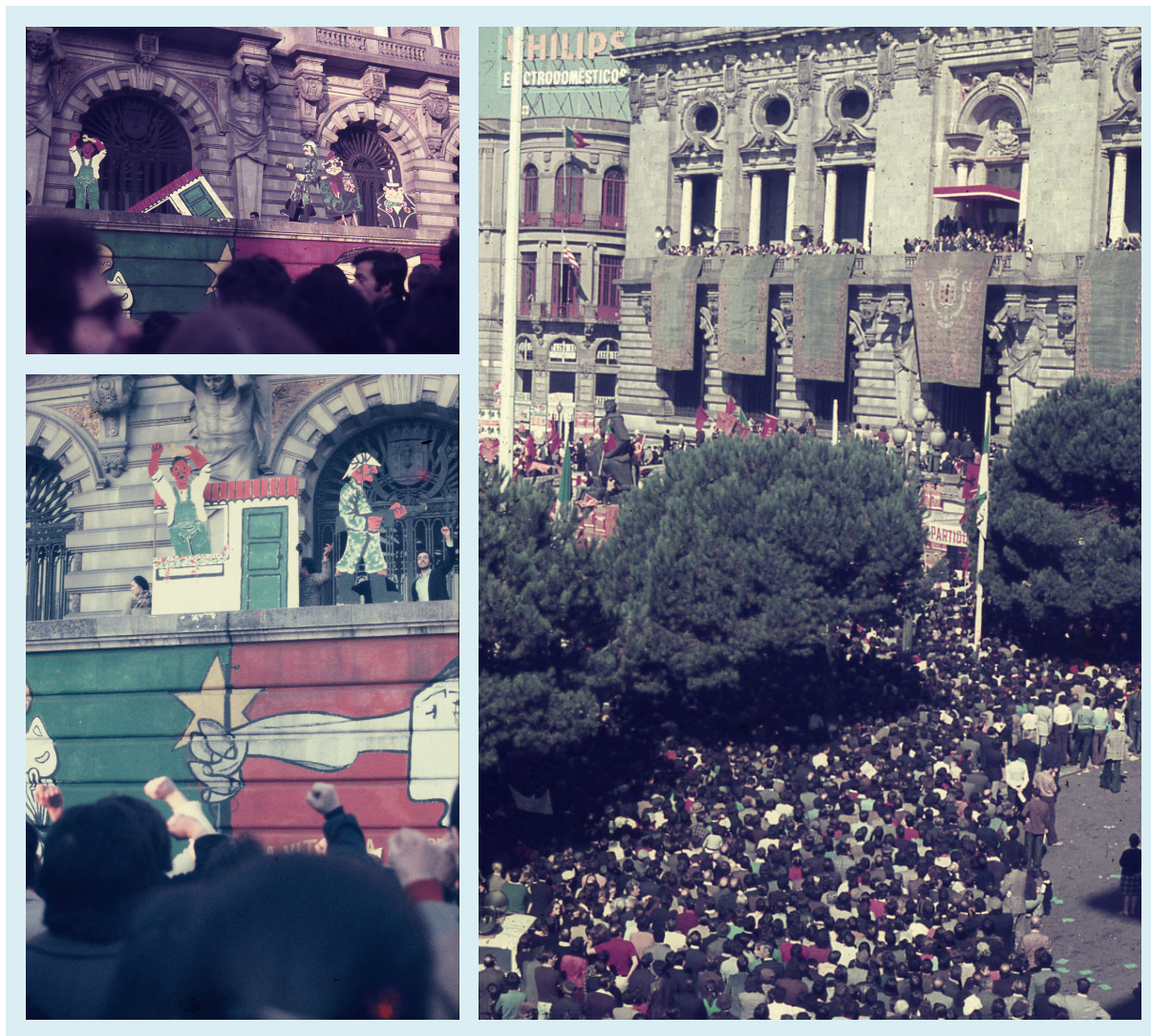


Fonte: Espólio pessoal do autor

No catálogo de Pedro Bandeira, embora se sinta uma vontade de romper com o ostracismo gerado pelas “estórias” do discurso oficial, nota-se ainda a permanência duma interpretação demasiado pueril sobre estes anos.

Não se salientam nem se explicitam outras formas de arquitetura e parece muitas vezes extrapolar-se a experiência e execução das domes e dos vários instrumentos ecotecnológicos como se fosse uma tendência estética ou moda dos alunos de então.

Figuras 42 a 44 – Fotografias do teatro de rua contra o capitalismo, no frontispício da Câmara Municipal do Porto, 1977



Fonte: Fotografias gentilmente cedidas por Luís Gaspar

De tarde, os grupos de trabalho dos alunos discutiam os temas matinais e formavam grupos de apoio para várias ações na comunidade.

Cartazes e bandeirolas apareciam nas marchas dos moradores, nos comícios dos trabalhadores e os estudantes e professores apoiaram teatros de rua contra o capitalismo, nomeadamente no frontispício da Câmara Municipal do Porto.

Diante desta força crescente do movimento popular, fermentava clandestinamente a reação que veio a manifestar-se no

11 de Março de 1975, em que o General Spínola encabeça uma tentativa de golpe de estado contra o processo popular e a jovem democracia que acabara de se implantar em Portugal.

Spínola recebe apoios de vários grupos saudosistas.

Forma-se o movimento da extrema-direita, MOLP, disposto à ação armada contra o 25 de Abril. Organiza-se a contra-revolução. Morre o soldado Luís. No Porto, manifestantes saem à rua com coragem para enfrentar uma contra-revolução que estalara e que parecia querer apoderar-se da democracia.

Figuras 50 a 52 - Construção de domes com as populações da zona da Ribeira do Porto



Fonte: Fotografias gentilmente cedidas por Luís Gaspar

Outras atividades simbólicas foram a ligação da prática à teoria procurando realizar protótipos ecotecnológicos e experiências de construção de casas simples e apropriáveis. Daí resultou a construção de domes e zomes, as edículas e os vários aparelhos solares.

O mais visível foi o forno solar baseado no Pyrheliophero do Padre Himalaya que construímos e levamos a um encontro de estudantes, tendo sido exibido no átrio da Faculdade de Economia no Porto.

CIÊNCIA E TÉCNICA *de Vitorino João Pinheiro*

ENERGIAS LIVRES

Renovar a vida modificar o homem

Por AFONSO CAUTELA

Se é preciso produzir, é também necessário atender ao modo como se produz e ao fim que se pretende atingir. Ao abordar, uma vez mais, o tema Energias Livres, pretendo o Sr. Jacinto Rodrigues salutar a mudança dos seus valores canónicos que não levam necessariamente ao melhor estado ecológico de que tanto se fala.

afirmamos a necessidade de desenvolver não que se esteja de acordado ou não com o que se pretende alcançar. O Sr. Jacinto Rodrigues, ao abordar, uma vez mais, o tema Energias Livres, pretendo o Sr. Jacinto Rodrigues salutar a mudança dos seus valores canónicos que não levam necessariamente ao melhor estado ecológico de que tanto se fala.

afirmamos a necessidade de desenvolver não que se esteja de acordado ou não com o que se pretende alcançar. O Sr. Jacinto Rodrigues, ao abordar, uma vez mais, o tema Energias Livres, pretendo o Sr. Jacinto Rodrigues salutar a mudança dos seus valores canónicos que não levam necessariamente ao melhor estado ecológico de que tanto se fala.

CIÊNCIA E TÉCNICA

DA ENERGIA SOLAR A BIOMÉDICA

A Energia Solar tem sido, de há muito tempo, a mais utilizada das energias renováveis. A sua utilização tem vindo a aumentar progressivamente, devido ao facto de ser uma fonte de energia limpa, abundante e gratuita. No entanto, a sua utilização tem vindo a ser limitada por questões de eficiência e de armazenamento.

Um dos grandes desafios da energia solar é a conversão da radiação solar em energia elétrica. Para isso, existem dois tipos principais de células solares: as de silício e as de filmes finos. As células de silício são as mais utilizadas, devido à sua alta eficiência e longa vida útil. No entanto, são mais caras e exigem um maior espaço físico.

As células de filmes finos, por outro lado, são mais baratas e flexíveis, permitindo a sua utilização em uma variedade de aplicações. No entanto, têm uma menor eficiência e uma vida útil mais curta.

Além da energia solar, a biomédica é outra área de grande interesse. A biomédica é a aplicação da ciência e da tecnologia à medicina, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida e a saúde humana. Uma das principais áreas de pesquisa na biomédica é a engenharia de tecidos, que visa criar tecidos artificiais para substituir os danificados ou doentes.

Outra área importante da biomédica é a nanotecnologia, que envolve a manipulação de materiais em escala atômica e molecular. A nanotecnologia tem o potencial de revolucionar a medicina, permitindo a criação de medicamentos mais eficazes e a realização de diagnósticos mais precisos.

CIÊNCIA E TÉCNICA

RECUPERAÇÃO DA ECOLOGIA

A recuperação da ecologia é um dos grandes desafios da nossa sociedade. A degradação do meio ambiente tem sido uma das principais consequências do desenvolvimento industrial e urbano. No entanto, existem várias estratégias que podem ser utilizadas para recuperar a ecologia e melhorar a qualidade de vida.

Uma das principais estratégias é a criação de áreas verdes e parques urbanos. Estas áreas não apenas melhoram a estética urbana, como também ajudam a reduzir o efeito de ilha de calor e a melhorar a qualidade do ar. Além disso, oferecem um espaço para recreação e lazer para a população.

Outra estratégia importante é a implementação de programas de reciclagem e redução de resíduos. A reciclagem ajuda a reduzir a quantidade de resíduos enviados para aterros e a conservar recursos naturais. A redução de resíduos, por sua vez, ajuda a diminuir a produção de lixo e a reduzir a poluição.

Além disso, é importante promover a educação ambiental e a conscientização da população sobre a importância da ecologia. Isso pode ser feito através de campanhas de conscientização, cursos e programas educativos em escolas e universidades.

Por fim, é essencial adotar políticas públicas que incentivem a sustentabilidade e a recuperação da ecologia. Isso inclui a criação de leis e regulamentos que protejam o meio ambiente e a promoção de práticas sustentáveis em todos os setores da economia.

CIÊNCIA E TÉCNICA

RENOVAR A VIDA MODIFICAR O HOMEM

afirmamos a necessidade de desenvolver não que se esteja de acordado ou não com o que se pretende alcançar. O Sr. Jacinto Rodrigues, ao abordar, uma vez mais, o tema Energias Livres, pretendo o Sr. Jacinto Rodrigues salutar a mudança dos seus valores canónicos que não levam necessariamente ao melhor estado ecológico de que tanto se fala.

afirmamos a necessidade de desenvolver não que se esteja de acordado ou não com o que se pretende alcançar. O Sr. Jacinto Rodrigues, ao abordar, uma vez mais, o tema Energias Livres, pretendo o Sr. Jacinto Rodrigues salutar a mudança dos seus valores canónicos que não levam necessariamente ao melhor estado ecológico de que tanto se fala.

afirmamos a necessidade de desenvolver não que se esteja de acordado ou não com o que se pretende alcançar. O Sr. Jacinto Rodrigues, ao abordar, uma vez mais, o tema Energias Livres, pretendo o Sr. Jacinto Rodrigues salutar a mudança dos seus valores canónicos que não levam necessariamente ao melhor estado ecológico de que tanto se fala.

CIÊNCIA E TÉCNICA

RENOVAR A VIDA MODIFICAR O HOMEM

afirmamos a necessidade de desenvolver não que se esteja de acordado ou não com o que se pretende alcançar. O Sr. Jacinto Rodrigues, ao abordar, uma vez mais, o tema Energias Livres, pretendo o Sr. Jacinto Rodrigues salutar a mudança dos seus valores canónicos que não levam necessariamente ao melhor estado ecológico de que tanto se fala.

afirmamos a necessidade de desenvolver não que se esteja de acordado ou não com o que se pretende alcançar. O Sr. Jacinto Rodrigues, ao abordar, uma vez mais, o tema Energias Livres, pretendo o Sr. Jacinto Rodrigues salutar a mudança dos seus valores canónicos que não levam necessariamente ao melhor estado ecológico de que tanto se fala.

afirmamos a necessidade de desenvolver não que se esteja de acordado ou não com o que se pretende alcançar. O Sr. Jacinto Rodrigues, ao abordar, uma vez mais, o tema Energias Livres, pretendo o Sr. Jacinto Rodrigues salutar a mudança dos seus valores canónicos que não levam necessariamente ao melhor estado ecológico de que tanto se fala.

CIÊNCIA E TÉCNICA

RENOVAR A VIDA MODIFICAR O HOMEM

afirmamos a necessidade de desenvolver não que se esteja de acordado ou não com o que se pretende alcançar. O Sr. Jacinto Rodrigues, ao abordar, uma vez mais, o tema Energias Livres, pretendo o Sr. Jacinto Rodrigues salutar a mudança dos seus valores canónicos que não levam necessariamente ao melhor estado ecológico de que tanto se fala.

afirmamos a necessidade de desenvolver não que se esteja de acordado ou não com o que se pretende alcançar. O Sr. Jacinto Rodrigues, ao abordar, uma vez mais, o tema Energias Livres, pretendo o Sr. Jacinto Rodrigues salutar a mudança dos seus valores canónicos que não levam necessariamente ao melhor estado ecológico de que tanto se fala.

afirmamos a necessidade de desenvolver não que se esteja de acordado ou não com o que se pretende alcançar. O Sr. Jacinto Rodrigues, ao abordar, uma vez mais, o tema Energias Livres, pretendo o Sr. Jacinto Rodrigues salutar a mudança dos seus valores canónicos que não levam necessariamente ao melhor estado ecológico de que tanto se fala.

Fonte: Espólio pessoal do autor

Pedro Bandeira não refere este documento que é dum enorme importância pois parte dum órgão de comunicação social relevante, nessa época.

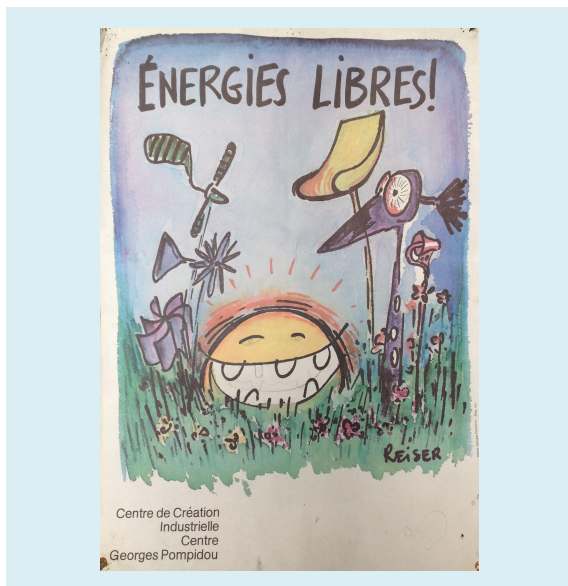
Das relações que construímos com a comunidade envolvente saliento o nosso encontro com a Escola Profissional de S. Roque da Lameira, onde conseguimos ter o apoio de professores, alunos e funcionários para o fabrico de encaixes utilizados na construção das domes e zonas. Não me recordo dos alunos terem reutilizado painéis da ESBAP para uso das paredes das domes, como vem referido num dos

discursos orais citados no catálogo de Pedro Bandeira. Ao contrário, os alunos levavam materiais deles próprios para essas construções pedagógicas e os painéis solares eram recuperados de velhos radiadores, de câmides, comandos e muitas vezes oferecidos nas sucatas. E nunca assisti ao desprezo pelo património da Escola.

Insiste o catálogo desta exposição na "Drop City" como se fosse a "alma-mater" das propostas pedagógicas. Realmente esteve patente a Exposição dos Marginais Americanos assim como a Exposição das Energias Livres que o Insti-

tuto de Francês do Porto nos disponibilizou e esteve no átrio da Escola, vindas do Centro Georges Pompidou em Paris.

Figura 61 – Cartaz da exposição sobre energias livres, vinda do Centre Georges Pompidou. Esteve patente no átrio da ESBAP, em Outubro 1978, e percorreu depois várias cidades de norte a sul de Portugal



Fonte: Espólio pessoal do autor

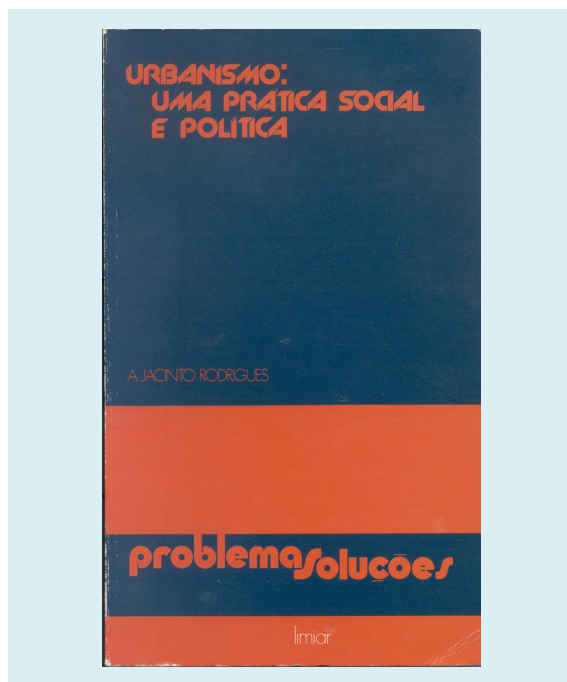
As aulas que fizemos não se fixavam em modas ou modelos únicos mas sim no estudo de estruturas geométricas e construtivas. Aí citavam-se e mostravam-se trabalhos de Christopher Alexander e Yona Friedmann, Frei Otto, Emmerich, Jean Prouvé e Buckminster Fuller.

Estas morfologias geométricas é que eram a “*alma-mãe*” dum modelo geométrico possível. Podiam ser aplicadas em grandes megaestruturas ou em simples habitações apropriáveis. O exemplo de Buckminster Fuller era para nós essencial pois ele tanto podia reproduzir facilmente a “*dymaxion house*”, pequena casa familiar em forma de dome, como megaestruturas para congressos e atividades culturais de massas.

A força simbólica e pedagógica que queríamos dar era a de que existia uma arquitetura apropriável, realizada com materiais ecológicos e a preços módicos. Tudo isto se inseria numa geopolítica solidamente fundamentada e não numa simples moda imitativa de cultura revesteira.

Recordo que, por essa altura, publiquei um livro, *Urbanismo Uma Prática Social e Política*¹⁶, que explicita essa geopolítica que hoje é o desenvolvimento ecologicamente sustentável, nome dum livro¹⁷ que vim a publicar anos mais tarde.

Figura 62 – Capa do livro “Urbanismo: Uma prática social e política” de Jacinto Rodrigues, 1976



Fonte: Espólio pessoal do autor

Porém, no livro “*Urbanismo Uma Prática Social e Política*” publicado em 1976 e que Pedro Bandeira não refere no seu catálogo, estão analisados múltiplos movimentos populares na conquista do território e do direito à cidade. Esse ecodesenvolvimento que chegou até aos nossos dias, com Danilo Dolci, Henri Lefévre, Françoise Choay e toda a corrente do pensamento ecológico alteromundialista, expressa a geopolítica forjada a partir de 1971 (Greenpeace), 1973 (Clube de Roma) e 1979 (Verdes na Alemanha).

Foi esta dinâmica que tentei introduzir na Escola.

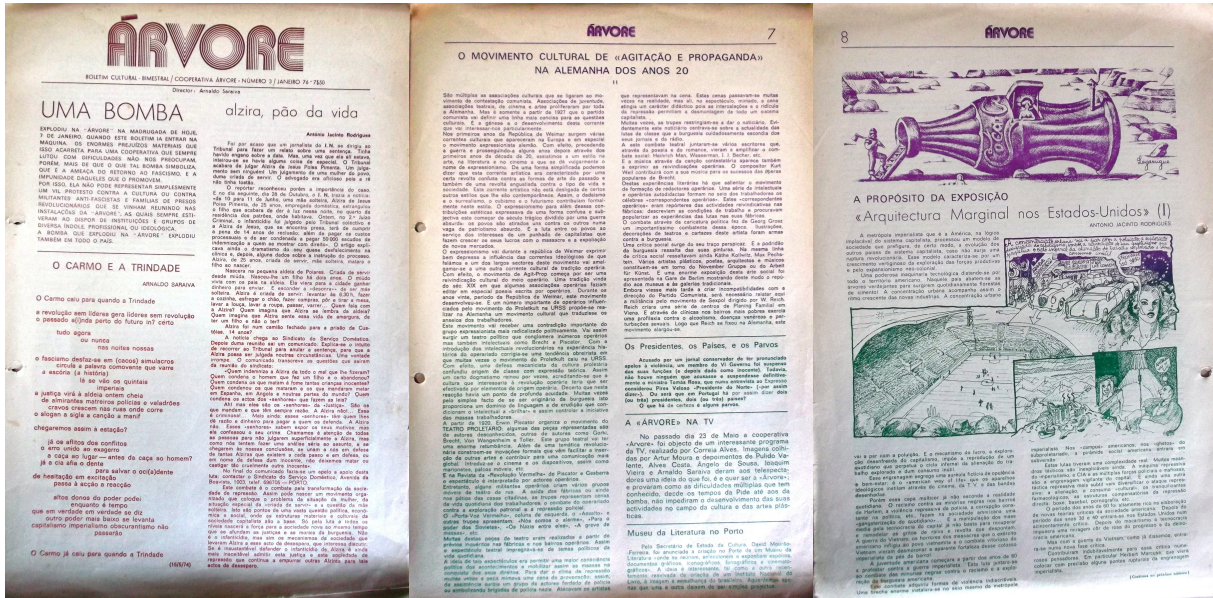
No essencial, promovi a discussão, reflexão e apresentação de diferentes modelos e novas propostas. Salvaguardei, contudo, estratégias diversas para que o próprio aluno fizesse a sua opção.

Figura 63 - Boletim Árvore, nº1, Maio 1975; Figura 64 - Boletim Árvore, nº2, Julho 1975; Figura 65 - Boletim Árvore, nº2, Julho 1975.



Fonte: Espólio pessoal do autor

Figura 66 - Boletim Árvore, nº3, Janeiro 1976; Figura 67 - Boletim Árvore, nº4, Julho 1976; Figura 68 - Boletim Árvore, nº4, Julho 1976.



Fonte: Espólio pessoal do autor

Levei um conceito de pedagogia [que já escrevera anos antes em artigos no Comércio do Funchal e na Revista Tempo e Modo] que explicita a autogestão no ensino e o aprender a aprender. Recusei o livro único.

Por isso, durante os anos em que fui professor, defendi diversas histórias de arquitetura e urbanismo não me cingindo apenas ao tradicional manual de Leonardo Benevolo. Assim, abri as portas a Michel Ragon, Charles Jenks, Peter Hall, Lewis Mumford, Françoise Choay, Anatole Kopp, Danilo

Dolci, Giulio Carlo Argan, etc. que fizeram parte da minha formação e que constituíram, desde a minha atividade docente em França, o corpo teórico das minhas preocupações pedagógicas no ensino da arquitetura e do urbanismo.

Figuras 69 a 72 – Capa e Índice da revista “O Tempo e o Modo” nº 81 e nº 83 de 1970



Fonte: Espólio pessoal do autor

Pedro Bandeira salienta, e bem, que os alunos Mário Ramos e Carlos Barroso estão marcados pela corrente ligada ao movimento internacional situacionista.

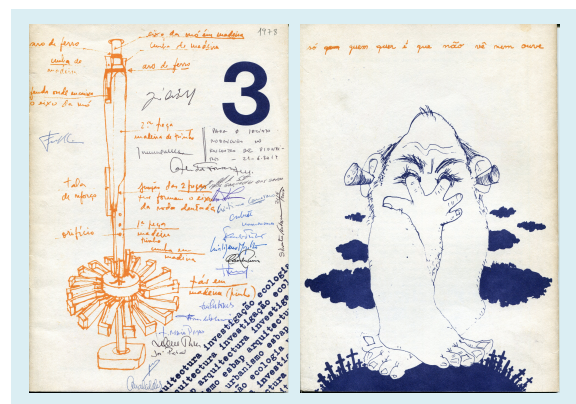
Porém, as propostas de Mário Ramos e Carlos Barroso que aparecem no catálogo, não são, quanto a mim, um fragmento separado desta dinâmica global vivida na Escola. O Porto cercado de colinas mansas não resulta duma visão isolada e apenas alicerçada na corrente internacional situacionista mas é parte integrante duma preocupação visível nos trabalhos dos alunos.

Assim, as domes de Guilherme Castro, Maia Pinto, Pedro Cavaco, Helena Ricca, Carlos Valente, Pinto Coelho, Maria do

Carmo, Mendo, Bé, Mané, Xico Morais, Xico Smile, Sacha, Gradim, Rui Pinto, Jorge, Guilherme, Luís Gaspar, Franklin, Isabel Flores, Casal, etc. como o construtivismo e o neorealismo do Edgar Castro, João, Milú, Gonçalves, Valente, Eloy, José Abreu, Teresinha, Cardoso, etc. e o organicismo de Carlos Fonseca e Júlio de Matos, fazem parte de um todo unitário que se constrói na diversidade mas que ganha coerência com o aprender a aprender, com o diálogo participado e com a experimentação concreta.

Luísa Brandão e Manuel Soares desenharam a capa da Sebenta nº 3 e José Rodrigues a contracapa. A Luísa Brandão fez também um cartaz contra Ferrel.

Figura 73 – Capa da Sebenta nº 3 de 1978. Desenho da autoria de Luísa Brandão e Manuel Soares; **Figura 74** – Contracapa da Sebenta nº 3 de 1978. Desenho da autoria de José Rodrigues



Fonte: Espólio pessoal do autor

Ângela Melo, José Martins e Gil Maia, como de resto todos os outros alunos citados, percorriam rotativamente várias atividades, como já referimos: produção e publicação de textos, acompanhamento das ações do SAAL, construção de ecotecnologias, de domes e de zomes, lutas ecológicas (contra-propostas da Central Nuclear de Ferrel e aterros da FERTOR), exercícios de expressão corporal e bioenergia, viagens de estudo (por exemplo, Cerveira, visita à quinta do Engº Morgado, com produção de gás metano – relatório feito pela Marta), realização de exposições (Exposição sobre Ecologia Árvore-GAIEP) e atividades agroecológicas como o Nabal 1º de Maio.

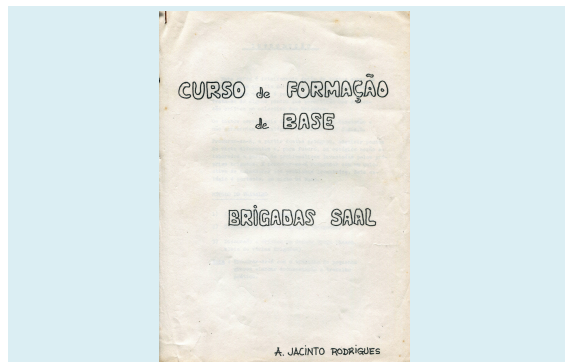
Em relação ao SAAL fui membro da comissão coordenadora da região norte durante o período inicial. Participei em co-

mícios de moradores, ajudei à formação de membros das brigadas do SAAL e de comissões de moradores. Acabei por sair do SAAL por discordar da estratégia que se estava a implantar e que contrariava a geopolítica que defendia. Assim, desde a minha intervenção numa mesa-redonda na RTP, coordenada por Fernando Pernes, defendia uma descentralização da população através dum planeamento que gerasse um policentrismo urbano em pequenas cidades capazes de harmonizar o território e a demografia. Deste modo as megapolis, Porto e Lisboa, deixariam de crescer e através de incentivos económicos e sociais, a população encontraria novos lugares propícios à implantação demográfica a nível do território nacional. Com novos centros de saúde, pedagogia, cultura, energias renováveis e atividades produtivas, criava-se assim uma logística disseminada por todo o território. Tudo isto seria acompanhado por um eco-desenvolvimento onde a distribuição da água, as fontes de energia renováveis, a agroecologia e a biodiversidade estariam ligados a uma ecosustentabilidade de todo o território.

Por outro lado, em relação às grandes cidades, era conhecida a existência de um parque habitacional de casas desocupadas que constituíam elementos duma especulação urbana por parte da grande burguesia. O projeto que defendia no SAAL estava essencialmente virado para uma estratégia de ocupação destas casas desocupadas, por parte das populações sem condições habitacionais. Essa ocupação tinha na base um projeto jurídico que resolveria, através dum Estado Social forte, estes problemas habitacionais, resultantes dum capitalismo especulativo, tal como ainda hoje subsiste.

A atividade duma escola de arquitetura, e dos arquitetos e urbanistas interessados neste modelo de sociedade, que poderia responder rapidamente aos problemas do subdesenvolvimento e da miséria de grande parte da população, consistia em apoiar a construção de equipamentos coletivos de interesse público como creches, jardins-de-infância, centros culturais, sociedade de apoio mútuo, cooperativas, etc. Todo o projeto que desenvolvi através de encontros e reuniões com moradores, consistia na defesa duma república social e cooperativista, tal como no legado de António Sérgio, filósofo anti salazarista, notável arauto da pedagogia social e do cooperativismo.

Figura 75 – Capa da brochura do “Curso de Formação de Base – Brigadas do SAAL”, de Jacinto Rodrigues, 1977?



Fonte: Arquiteto Carlos Fonseca

A Exposição sobre Ecologia, Árvore-GAIEP, resultou da cooperação entre o grupo GAIEP, a ESBAP e a Cooperativa Artística Árvore, no sentido de desenvolver uma ação de pedagogia social na comunidade, para uma estratégia de desenvolvimento ecologicamente sustentável para o País, contra o projeto do poder que queria optar pela central nuclear de Ferrel.

Figuras 76 a 79 – Fotografias da Exposição sobre Ecologia na Avenida dos Aliados, no Porto, 1976



Fonte: Arquiteto Carlos Valente

Figuras 80 e 81 – Fotografias da Exposição sobre Ecologia na Avenida dos Aliados, no Porto, 1976



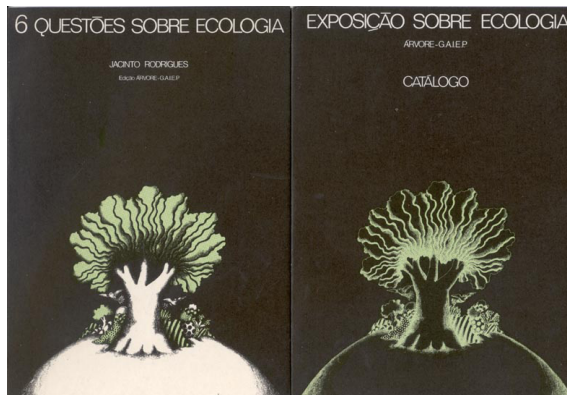
Fonte: Arquiteto Carlos Valente

Escrevi o texto e elaborei a estratégia da exposição tendo a sua realização e execução tido a colaboração de João Machado, Marielle Gros, Joaquim Vieira, Luís Casal, Zulmiro Carvalho, Pedro Cavaco, Ângela Melo, Pinto Coelho, Maria do Carmo e Carlos Valente, conforme refere o catálogo.

Mas foram muitos os alunos e professores que contribuíram para que esta exposição fosse itinerante, percorrendo vários lugares do Porto e circulando também pelo País onde várias associações de moradores participaram nos debates pelo ecodesenvolvimento e pelo cooperativismo.

Publicaram-se também artigos sobre as alternativas ao nuclear¹⁸ e contra a construção da central de Ferrel e circulares sobre a ameaça nuclear.

Figura 82 – Catálogo da “Exposição sobre Ecologia/6 Questões sobre Ecologia”, de Jacinto Rodrigues, 1976



Fonte: Espólio pessoal do autor

Muitos outros alunos que não eram de arquitetura, como Silvestre Pestana, com as suas “performances” criativas, criaram espetáculos artísticos singulares e muito aplaudidos. Graça Marto, aluna de pintura dessa época, escreveu-me ainda há pouco tempo, dizendo-me que vinha assistir às aulas que se desenrolavam no jardim, nessa altura.

Todos estes alunos e outros de outras Faculdades, estiveram empenhados na multiplicidade de experiências vividas em conjunto e que fazem desses três anos de pedagogia na ESBAP o momento mais inovador, criativo e em que a festa e o entusiasmo a todos tocou!

O Luís Gaspar enviou-me algumas destas fotografias em que registou o teatro de rua com centenas de espectadores a assistir à movimentação de gigantones que representavam a luta dos moradores e dos trabalhadores em geral e que publicamos neste artigo.

Recordo essa época com nostalgia e ao mesmo tempo com uma grande esperança de que possa ser um contributo para a mudança tão necessária nesta época cinzenta, à espera de um novo Abril!

Figuras 83 a 85 - Artigo de Jacinto Rodrigues na "Gazeta Semanal", nº 2 de 8 de Abril 1976, pág. 12

Alternativas à ameaça nuclear

Em Março de 1975, nos Estados Unidos da América na central atómica de Brown's Ferry, desencadeou-se um incêndio. Graças a uma intervenção, nos últimos momentos, o incêndio não provocou uma das maiores catástrofes da história. O mecanismo múltiplo de segurança ficara inutilizado pelo incêndio. O reactor atómico, por alguns instantes apenas, fora salvaguardado das chamas do incêndio. A catástrofe poderia ter provocado milhares e milhares de mortos.

Três engenheiros americanos — Minor, Bridenbaugh e Hubbard — recusaram continuar a trabalhar nas centrais atómicas da General Electric. Um mês depois — Fevereiro deste ano — um outro técnico superior Robert Pollard, apresentou também a sua demissão da central atómica de Indian Point a 50 quilómetros de New York. Era especialmente encarregado do controlo de segurança desta e de três outras centrais.

Estes quatro especialistas produzem anomalias graves de questões nucleares decididas em reserovatórios de cimento armado continuam a produzir radioactividade. Vários reservatórios encontram-se mesmo fissurados, com rachas enormes.

Estes problemas constituem um factor decisivo para a recusa da utilização da energia atómica. Por outro lado, a utilização desse tipo de tecnologia, dado a soma de investimentos financeiros e o tipo de equipamento estratégico, cria dependências económicas e políticas dos países de economia dominada.

O incêndio na central nuclear de Brown's Ferry foi o motivo próximo da demissão desses quatro especialistas nucleares. O incidente mostrara claramente que não havia mecanismos de segurança infalíveis para evitar os perigos de explosão das centrais nucleares.

Menos espectacular do que esses acontecimentos que narramos, existem factores concretos que continuamente

de tal empreendimento. A comissão de moradores dirigida à Câmara Municipal e formulou uma firme tomada de posição impedindo a continuação dos trabalhos.

Vio surgir agora arrazoados especiosos, discursos científicos e económicos para dissuadir o povo do conceito de Fénice de prosseguir a sua luta.

Os «tecnocratas» falam do progresso científico e do prestígio nacional assegurado pelo baluarte da técnica mais avançada. Há quem se refira aos românticos e os passadistas virando as costas ao progresso da Ciência. Chamam obscuros a todos aqueles que se opuserem à construção da central nuclear.

Alguns economistas, ainda mais eloquentes para impingirem a argumentação política dos seus cálculos lacivos, reservatórios de 600 megawatts de potência e que mobilizam capitais no montante de 20 milhões de dólares — o país é rico em urânio — etc., etc.

Contra estes argumentos vários cientistas vieram já empunhar suas falas. Não mandam a professor da universidade de nomeada internacional, como o engenheiro Delgado Domingos e a catedrática Marieta da Silva, e ainda o presidente da Comissão Nacional do Ambiente, alertaram contra os perigos da energia nuclear. Uns e outros expuseram razões, mesmo no próprio terreno técnico, de que tal projecto não era económico

mas a sua rentabilidade justificava tal opção. Com efeito, o urânio não pode ser enriquecido em Portugal. E os recursos hídricos e ainda as centrais térmicas poderiam durante muito tempo subsistir com rentabilidade e sem a ameaça que constitui uma central nuclear: é a poluição radioactiva. Para declarações de tais cientistas são importantes e contribuem numa forma decisiva na discussão necessária a impor a tal projecto.

Mas uma outra argumentação é necessária já avançar para o povo trabalhador possa pronunciar-se com radicalidade sobre tais questões. É que o problema da energia está, como todas as questões, ligado às opções económico-sociais dum país. Assim, um tipo de política energética tem incidências no «modo» de sociedade. As energias provenientes doutros países como seja o petróleo para o caso portuário determinam uma dependência em relação aos países produtores e às companhias internacionais. No caso da energia nuclear, o urânio em produção está dependente de grandes metrópoles industriais. É este facto constitui uma perda da independência nacional. Mas a questão é ainda mais complexa e profunda. A escolha tecnológica não é neutra; ela implica posições ideológicas. Uma tecnologia pesada, altamente automatizada e especializada, determina a concentração e o gigantismo dos pólos industriais. Isto implica em seguida a concentração urbana e populacional em pequenas áreas densas. Por outro lado, essa tecnologia complexa impede o controlo das massas sobre tais instrumentos de produção impondo assim delegações de poder nas mãos de tecnocratas e especialistas.

Porém, a escolha tecnológica não é neutra; ela implica posições ideológicas. Uma tecnologia pesada, altamente automatizada e especializada, determina a concentração e o gigantismo dos pólos industriais. Isto implica em seguida a concentração urbana e populacional em pequenas áreas densas. Por outro lado, essa tecnologia complexa impede o controlo das massas sobre tais instrumentos de produção impondo assim delegações de poder nas mãos de tecnocratas e especialistas.



PÁGINA 12

A Política da Ecologia

Cada vez mais, a humanidade se apercebe das relações profundas entre a sociedade, a técnica e a natureza. Os desequilíbrios ecológicos grassam por todo o lado: poluições ameaçam destruir as espécies, o desgaste energético e de materiais salta já à vista...

Não haverá alternativas a este tipo de modelo de crescimento? A ciência ecológica, as investigações sobre novas tecnologias, «novas» abrem perspectivas para um novo modelo alternativo de sociedade. Essas novas técnicas respondem às questões da poluição e dos desgastes energéticos e de materiais. E elas são também meios para consolidar uma sociedade mais livre, mais descentralizada, onde as massas se possam apropriar dos instrumentos técnicos da produção e do controlo.

O uso de energia solar, a utilização do vento, das marés, a aplicação de poças centrais hídricas descentralizadas e ainda a exploração da energia geotérmica são recursos naturais que podemos desde já aplicar no país. Esses recursos naturais ligam-se a uma economia de recu-

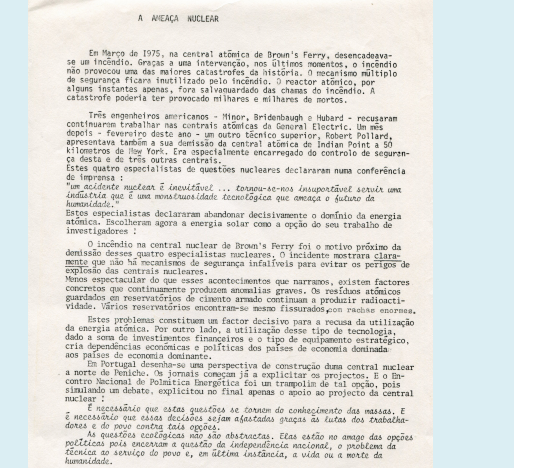
slagem, e ainda a um tipo de agro-biologia permitiria ao nosso país os meios de um desenvolvimento ecológico que para além de contar com as nossas forças colocaria as bases materiais de um modelo de sociedade socialista. É preciso não esquecer que

o socialismo além da gestão política dos meios de produção implica ainda a escolha de meios que libertem o homem das dependências e que integrem num todo harmonioso a sociedade, a técnica e a natureza.

JACINTO RODRIGUES

Fonte: Espólio pessoal do autor

Figura 86 - Panfleto "A Ameaça Nuclear", Março de 1976. Este panfleto circulou dentro e fora da ESRBP



A. Jacinto Rodrigues
E.S.B.A.P.
Março de 1976

Fonte: Espólio pessoal do autor

Nota: Graças à participação de antigos alunos, nomeadamente Mário Marques, Carlos Fonseca, Luís Gaspar, Helena Ricca, Carlos Valente, Pedro Bandeira, etc., conseguimos recuperar vários documentos que estão a ser digitalizados e que irão ser disponibilizados no nosso blogue: <http://jacinto-rodrigues.blogspot.com> nos separadores Ecologia e Artigos, para quem os quiser usar (*Arte e Opinião, Século Ilustrado, Raiz e Utopia, Alternativa, Boletim Árvore*, etc.)

NOTAS

1. Ver jornal "O Comércio do Funchal" 1970 e 1971 e RODRIGUES, Jacinto, *Urbanismo Uma Prática Social e Política*, Porto, Ed. Limiar, 1976.
2. RODRIGUES, A. Jacinto, *Urbanisme et Revolution*, Paris, Ed. Universitaires, 1973; *Urbanismo e Revolução*, Porto,

Ed. Afrontamento, 1975; *Urbanismo y Revolución*, Madrid, Ed. H. Blume, 1979.

3. Esta tese foi, mais tarde, adaptada para publicação na Coleção Dimensões, Série Especial nº 15 da Presença. Ver RODRIGUES, António Jacinto, *A Bauhaus e o Ensino Artístico*, Lisboa, Ed. Presença, 1989.
4. RODRIGUES, J., *Le Bauhaus Sa signification historique*, Paris, Ed. Hatier, 1975.
5. RODRIGUES, A. Jacinto, *Utopia, Espaço e Sociedade*, Porto, Ed. Árvore, 1979 e *Ecologia*, Porto, Ed. Árvore, 1980.
6. RODRIGUES, Jacinto, *Arte e Arquitectura de Rudolf Steiner*, Porto, Ed. Civilização, 1990 e *Arte, Natureza e Cidade*, Porto, Ed. Árvore-CMP, 1993.
7. RODRIGUES, Jacinto, "Sociedade, Espaço e Utopia" in Raiz e Utopia, nº 7/8, 1978, Ed. Helena Vaz da Silva, pp. 108-128.
8. RODRIGUES, A. Jacinto, *Frente Cultural*, Porto, Ed. Afrontamento, 1976, 1ª e 2ª edição.
9. RODRIGUES, A. Jacinto, *Urbanismo Uma Prática Social e Política*, Porto, Ed. Limiar, 1976.
10. RODRIGUES, A. Jacinto, *Urbanismo e Revolução*, Porto, Ed. Afrontamento, 1975.
11. RODRIGUES, Jacinto, *Perspectivas sobre a Comuna e a 1ª Internacional em Portugal*, Lisboa, Ed. Slemes, 1976.
12. Cfr. RODRIGUES, Jacinto, "Rencontre avec B. Yofan" in KOPP, Anatole, *L'Architecture de la Période Stalinienne*, Grenoble, Ed. PUG, 1978, pp. 371-372.
13. RODRIGUES, Jacinto, *Viva Reich*, Porto, Ed. Afrontamento, 1981. Este livro foi escrito durante este período e divulgado através de fotocópias. Porém, só em 1981 é que foi editado pelas Ed. Afrontamento.
14. RODRIGUES, Jacinto, "Um Estranho Sábio Português" in *O Século Ilustrado*, nº 2021, 24.12.1976, pp. 21-24.
15. CAUTELA, Afonso, "Energias Livres-Renovar a Vida Modificar o Homem" in *O Século Ilustrado*, nº 2019, 10.09.1976, pp 10-15.
16. RODRIGUES, A. Jacinto, *Urbanismo Uma Prática Social e Política*, Porto, Ed. Limiar, 1976.
17. RODRIGUES, Jacinto, *Sociedade e Território Desenvolvimento Ecologicamente Sustentado*, Porto, Profedições, 2006.
18. RODRIGUES, Jacinto, "Alternativas à ameaça nuclear", in *Gazeta da Semana*, Ano I, nº2, 8 Abril 1976, pág. 12.